

Crítica da modernidade*

Tradição, modernidade e pós-modernidade

Marcelino Marques**

Resumo

O artigo apresenta, de forma sucinta, visões sobre tradição, modernidade e pós-modernidade. Um dos enfoques nos discursos da pós-modernidade tem sido o termo modernidade reflexiva utilizado por autores como Anthony Giddens, Ulrich Beck e Scott Lash para caracterizar a sociedade pós-moderna ou contemporânea. O texto aponta a transição da modernidade para pós-modernidade e coloca a tradição como fundamental nos discursos. Faz uma reflexão sobre a vida cotidiana e as práticas sociais nesse momento de transição, rupturas e continuidades. Não existe consenso nos debates.

Palavras-chave: tradição; modernidade; pós-modernidade.

Abstract

The article presents, briefly, views about tradition, modernity and postmodernity. One focus in the discourse of postmodernism has been the term reflexive modernity used by authors such as Anthony Giddens, Ulrich Beck and Scott Lash to characterize the post-modern or considers contemporary. The text indicates the transition from modernity to postmodernity and tradition as essential to put in speeches. It is a reflection on everyday life and social practices at this moment of transition, ruptures and continuities. There is no consensus in the discussions.

Keywords: tradition; modernity; postmodernity.

* Este texto é parte das discussões ocorridas nas disciplinas Teoria Sociológica: modernidade, pós-modernidade e utopia (PUCSP 2011/1) ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Eduardo W. Wanderley e Teoria Social II (UFES 2010/2) ministrada pelas Professoras Dra. Adelia Maria Miglievitch Ribeiro e Celeste Ciccarone.

** Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Educação (UFES) e Doutorando em Ciências Sociais (PUC/SP). E-mail: marcelcso@yahoo.com.br

Apresentação

O senso comum acredita que o mundo de hoje é um mundo mais “moderno” do que o mundo do século XIX. Os nossos bisavós acreditavam que o mundo de hoje se modernizou comparando com o mundo “antigo”. Essa visão do senso comum está mais relacionada aos avanços tecnológicos da modernidade industrial. Partindo então do senso comum podemos indagar: o que é ser moderno? E mais complexo ainda, o que é ser pós-moderno?

Para Giddens (1997), a modernidade do mundo é a própria constituição do mundo contemporâneo porque separou o passado tradicional das práticas cotidianas atuais. Mas é importante destacar que Giddens não nega a tradição, pois sustenta que o mundo de hoje é um mundo pós-tradicional. Se antes vivíamos num mundo tradicional, hoje vivemos num mundo de tradições, sustenta ele.

O presente texto apresenta, de forma sucinta, visões sobre tradição, modernidade e pós-modernidade. Nos discursos da pós-modernidade, o termo modernidade reflexiva será utilizado por autores como Anthony Giddens, Ulrich Beck e Scott Lash para caracterizar a sociedade pós-moderna ou contemporânea. Para esses autores, a reflexividade representa uma possibilidade de reinvenção ou reconfiguração da modernidade e de suas formas industriais. Existe um amplo debate em torno da pós-modernidade e não há consenso entre os teóricos.

Por isso, não se trata de abandonar a tradição e os avanços da proposta da modernidade como a razão e a ciência. Por outro lado, o mundo atual já não se configura essencialmente com base na sociedade industrial e de racionalidade científica. Daí a concepção de múltiplas organizações sociais e possibilidades de práticas sociais. Tal situação contemporânea pode tornar as relações sociais passageiras e incertas.

Escolhas, decisões, riscos, incertezas e múltiplas possibilidades parecem caracterizar a sociedade contemporânea, identificada por Giddens, Beck e Lash como sociedade de modernização reflexiva. A crise da tradição e da modernidade abre espaço para a modernidade reflexiva. Ao contrário da modernidade industrial e racional, na modernidade reflexiva, a estética, a sensibilidade, as emoções e sentimentos dos indivíduos ganham espaço nas práticas cotidianas.

O texto apresenta, resumidamente, a “transição” da tradição para modernidade e da modernidade para a pós-modernidade.

Modernidade e Tradição

Tradição e modernidade remetem a uma possível transição. Tradição e modernidade não se contrapõem. Se fosse uma superação de uma fase pela outra ou de um modelo de sociedade por outro, teríamos uma visão artificial dos fatos. Não se trata de evolucionismo e progresso da tradição para a modernidade como se fosse linear. Como se o passado estivesse planejando o presente, um presente não mais tradicional e, sim, moderno.

Por isso, a ideia de evolucionismo do século XIX estaria equivocada mesmo porque parte da tradição se mantém na modernidade. Da tradição para a modernidade seria uma época de finalizações? Se sim, o que dizer das continuidades? É fato que pode-se constatar rupturas como o modo de produção industrial, porém não se pode generalizar que apenas a sociedade industrial inaugurou um novo modelo de sociedade pós-tradicional visto como moderna.

Ruptura e permanência estão presentes. Então, ocorreu de fato uma transição da tradição para modernidade? Pode-se dizer que a modernidade não exclui a tradição assim como a tradição não impede o desenvolvimento da modernidade.

Neste contexto é que quando chegamos numa época de finalizações (Giddens, 1997) temos a impressão de ver o mundo pela ótica antigo/moderno. Para Giddens, durante a maior parte de sua história, a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia. Confunde-se também o antigo com o tradicional e o moderno com aquilo que é recente. Portanto, o mais importante não é fazer tais separações, mas compreender as ligações que existem entre ambos, as complementariedades, as continuidades e descontinuidades do tradicional no moderno. Tradição, então, não deve ser visto como o passado da modernidade ou não deveria ser.

A tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente. Mas evidentemente, em certo sentido e em qualquer medida, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma maneira de se organizar o tempo futuro (Beck, Giddens e Lash, 1997, p. 80).

Práticas tradicionais permanecem na modernidade e práticas tidas como modernas precisam ainda ser repensadas. Um exemplo é a própria ciência que vem como um projeto da modernidade propondo

desvendar a verdade dos fatos e ainda não se consolidou e abriu espaços para outras formas de pensar para além da ciência, como a filosofia, as artes e a religião que ganham espaços dentro da própria modernidade supostamente científica e racional.

Por isso não podemos traçar uma linha do tempo onde a história começa por meio da tradição e avança na modernidade. A tradição não fundou a modernidade. Assim como a modernidade não funda a pós-modernidade, apesar de existir relações tempo/espaço.

Outro ponto fundamental diz respeito às rupturas. Nem sempre ruptura significa quebra do tradicional. As rupturas podem ser inovadoras e inaugurar modelos novos de comportamento e organização sociais, porém podem também carregar elementos da própria tradição num formato alterado. As rupturas com a tradição não significam necessariamente um abandono das práticas tradicionais. Então se a tradição permanece dentro da modernidade ou se a modernidade também inclui a tradição não teria um momento de fundação da tradição? Ao que parece, não. Tradição e modernidade são complementares e não excludentes.

Para Giddens (1997), as tradições podem ter um caráter orgânico pois em alguns momentos elas podem amadurecer ou enfraquecer e morrer. Por isso, ele afirma que a integridade ou autenticidade de uma tradição é mais importante para defini-la que seu tempo de existência.

Por que, então, a tradição permanece na modernidade? Pode ser porque a tradição envolve práticas cotidianas, comportamentos perenes ao longo dos tempos e que permanece nas crenças pela constante repetição.

Então, se modernidade está de certa forma vinculada a tradição como podemos caracterizar a modernidade separada da tradição? Como dizer que uma sociedade é moderna se ela mantém traços da tradição? Nesse sentido, surge a dificuldade de se definir modernidade tendo em vista apresentar uma polissemia conceitual.

O novo, a invenção de máquinas, o diferente, o tecnológico, o industrial passam a ser vistos como modernos não como uma superação do passado mas como algo que inaugura o nascimento do progresso. O moderno é uma novidade que se apresenta aos olhos do cidadão como dinâmico, apesar de carregar uma certa desconfiança, instabilidade e transitoriedade.

Falar de modernidade nos remete logo ao desenvolvimento da sociedade capitalista-industrial-urbana. Também a modernidade está diretamente ligada ao desenvolvimento científico. Ciência e modernidade

estão próximos. Abandonam-se as concepções religiosas e místicas para se pautar o comportamento na racionalidade. Isso é que se tem dito de forma vaga. Se essas dicotomias fossem tão presentes, o que dizer de grupos religiosos que cresceram na modernidade? Portanto, ao que parece mais evidente, é que a modernidade vem para atualizar a tradição e ao atualizar descarta e mantém traços da tradição.

No entanto, o projeto da modernidade não se consolidou e ao mesmo tempo parte da modernidade também apresenta necessidade de se readaptar as novas necessidades sociais. Nesse sentido, surgem as teorias pós-modernas para justificar que a modernidade já não dá mais respostas às transformações nos dias atuais. É nesse contexto que surge a teoria da modernidade reflexiva proposta por Beck, Giddens e Lash (1997) para caracterizar a sociedade contemporânea.

Modernidade e reflexividade

Para Giddens (1991), as práticas sociais são reconfiguradas e redefinidas na modernidade o que vai refletir na pós-modernidade ou como ele prefere modernidade reflexiva. Modernidade reflexiva justamente porque busca articular o moderno com o contemporâneo sem sobreposição ou sentido de busca de algo novo, diferentemente de Santos (2000) que acredita que já superamos a modernidade e estamos na pós-modernidade, defendida por ele de pós-modernidade de oposição.

Portanto, para Giddens (1991) não se trata de superação do conhecimento tradicional por meio da razão nem tampouco de se desconfiar da razão e colocar em segundo plano todo o conhecimento científico. Trata-se, sim, de se relativizar todo conhecimento levando sempre em consideração as práticas sociais. Tal capacidade de tomar decisões e fazer escolhas nas práticas cotidianas dos indivíduos, pode ser entendida como reflexividade.

A reflexividade tem dois sentidos: um que é bastante amplo, e outro que diz respeito mais diretamente à moderna vida social. Todo ser humano é reflexivo no sentido de que pensar a respeito do que se faz é parte integrante do ato de fazer, seja conscientemente ou no plano da consciência prática. A reflexividade social se refere a um mundo que é cada vez mais constituído de informação, e não de modos preestabelecidos de conduta. É como vivemos depois que nos afastamos das tradições

e da natureza, por termos que tomar tantas decisões prospectivas. Nesse sentido, vivemos de modo muito mais reflexivo do que as gerações passadas (Giddens e Pierson, 2000, p. 87).

No entanto, mesmo na modernidade reflexiva, o conhecimento sobre as práticas sociais ainda é insuficiente para garantir mudanças sociais. Viver nessa fase de reflexividade não significa romper com desigualdades. No entanto, as possibilidades postas pelos novos caminhos podem contribuir para a mudança social. Mudança não no conjunto da sociedade mas para indivíduos que são capazes de compreender as transformações colocadas pela modernidade reflexiva.

Para Giddens (1991) a modernidade não acabou. Pelo contrário, o que está acontecendo é uma radicalização, segundo ele, da própria modernidade.

O que os outros chamam de pós-moderno é para mim a radicalização da modernidade no sentido em que vimos falando. Os princípios dinâmicos da modernidade ainda estão aí: a expansão do capitalismo, os efeitos transformadores da ciência e da tecnologia, a expansão da democracia de massa. Por isso prefiro falar de modernização reflexiva, em vez de pós-modernidade. Só existe modernidade e só podemos refletir sobre a modernidade através da modernidade; isto é, através, também, da ciência e da tecnologia. Não se pode escapar da ciência e da tecnologia senão através da ciência e da tecnologia (Giddens e Pierson, 2000, pp. 87-88).

Já para Beck, modernização reflexiva significa a possibilidade de uma (auto) destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. Nesse contexto de transformações da modernidade para reflexividades ou esta nova fase de modernidade reflexiva, Beck aponta a fragilidade da sociedade industrializada. A transição da modernidade industrial para modernidade reflexiva ocorre, segundo Beck, de forma indesejada. Para Beck, essa fragilidade da sociedade industrial só começa a aparecer quando a industrialização já não responde aos desejos da sociedade. O projeto de sociedade moderna e industrial começa a se fragilizar e colocar a sociedade “em risco”. Daí porque Beck caracteriza o momento atual de sociedade de risco.

Assim, em virtude do seu inerente dinamismo, a sociedade moderna está acabando com suas formações de classe, camadas sociais, ocupações, papéis dos sexos, família nuclear, agricultura, setores empresariais e, é claro, também com os pré-requisitos e as formas contínuas do progresso técnico-econômico. Esse novo estágio, em que o progresso pode se

transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói outro e o modifica, é o que eu chamo de etapa da modernização reflexiva (Beck, 1997, p. 12).

É nesse momento de incertezas e riscos que a modernidade já não responde às novas questões colocadas que surgem na modernidade reflexiva. Os riscos são constantes e como conviver com os riscos? Tentar superar a sociedade industrial para acabar com os riscos não tem sido o caminho já que a ideia de superação de uma fase a outra não reflete bem a transição modernidade para pós-modernidade. Por isso o termo reflexividade parece representar melhor o momento atual da sociedade, ou seja, nem industrial nem pós-industrial.

Dessa forma é possível dizer que não passamos por um momento de transição veloz ou ruptura. A modernidade reflexiva vem de forma lenta e silenciosa. Mas esse silêncio já é suficiente para colocar a fase da modernidade como incapaz de responder as transformações sociais. As instituições modernas, principalmente a indústria, já não dão conta de resolver os problemas sociais. Por isso, essa fase de riscos constantes é característico da modernidade reflexiva, ou seja, as práticas sociais são mais imprevisíveis e incertas.

Numa concepção um pouco diferente, Lash (1997) faz uma crítica à modernidade reflexiva, principalmente ao aspecto conceitual. Para ele apontar o momento atual de sociedade de risco, defendidos por Giddens e Beck, não seria suficiente para caracterizar a sociedade atual. Isso porque as práticas sociais não estão vinculadas necessariamente às estruturas e instituições como pressupõem Giddens e Beck. As práticas sociais são, para Lash, compartilhadas entre os indivíduos e é preciso perceber que os indivíduos estão vinculados uns aos outros e que não são sujeitos desincorporados que simplesmente saem das estruturas da sociedade industrial para uma nova estrutura dita reflexiva.

Se modernização simples nos fornece o cenário de atomização, normalização e individuação de Foucault, então a contrapartida reflexiva sobre uma individualização genuína, abre possibilidades de subjetividade autônoma em relação a seus ambientes naturais, sociais e psíquicos. Entretanto, como adverte Giddens, até a modernidade reflexiva é uma “devoção cega”, pois as consequências da reflexividade podem desavisadamente resultar em novas inseguranças, em novas formas de subjugação (Lash, 1997, p. 139).

As sociedades modernas não são simplesmente modernas porque a modernidade reflexiva vem depois da modernidade simples. E o que faz esse processo ocorrer é a individualização. No entanto, Lash aponta que as sociedades simplesmente modernas pressupõem estruturas coletivas. Segundo ele, estas estruturas coletivas pressupõem que os laços comunitários já estejam rompidos e que o “nós” tornou-se um conjunto de indivíduos abstratos e atomizados.

Nesse contexto, a questão é que esse estágio “simples” e inicial da modernidade não é apenas moderno pela metade, mas pela metade moderno, e até sua coletividade é fundamentada na atomização e na individualização. É essa individualização mais na segunda fase – a fase reflexiva – da modernidade que liberou os indivíduos também dessas estruturas coletivas e abstratas, tais como classe, nação, família nuclear e crença incondicional na validade da ciência (Lash, 1997, p. 141).

Portanto, para Lash, só se atinge a modernidade reflexiva após essas crises. Já para Rouanet (1993), os ingredientes principais do projeto civilizatório entraram em colapso: universalidade, individualidade e autonomia. Para ele o universalismo está sendo sabotado por particularismos. A individualidade se transforma em anonimato de conformismo, consumo coletivo e não desperta mais entusiasmo. Na autonomia, Rouanet aponta que não existe autonomia intelectual, política e econômica.

Em suma, no Brasil e no mundo, o projeto civilizatório da modernidade entrou em colapso. Não se trata de uma transgressão na prática de princípios aceitos em teoria, pois nesse caso não haveria crise de civilização. Trata-se de uma rejeição dos próprios princípios, de uma recusa dos valores civilizatórios propostos pela modernidade. Como a civilização que tínhamos perdeu sua vigência e como nenhum outro projeto de civilização aponta no horizonte, estamos vivendo, literalmente, um vácuo civilizatório. Há um nome para isso: barbárie (Rouanet, 1993, p. 11).

Enquanto uns dizem transição, outros rupturas e descontinuidades e outros barbárie, o que sabemos é que de fato o mundo de hoje, globalizado, não é o mesmo de séculos passados. Por isso, torna-se fundamental tentar compreender a vida social na pós-modernidade.

Pós-modernidade: a vida social na transição

A reflexividade estaria na prática individual e não nas estruturas institucionais? Como compreender, e mais, aceitar as transformações colocadas pela transição tradição, modernidade simples e modernidade reflexiva? A vida social e as práticas cotidianas tem sido reconfiguradas a cada instante tornando comum o sentimento de risco e incertezas discutidos por Beck e Giddens.

Por isso é comum constatar que a sociedade moderna parece tentar se libertar do passado, da tradição, para inaugurar algo novo, diferente, “avançado”. Como as mudanças tem sido constantes, a modernidade não consegue dar conta de explicar a diversidade de comportamentos sociais, ou seja, as práticas sociais cotidianas acabam passando por constantes mutações.

Nesse cenário de transição, surge o fenômeno da globalização que altera o suposto equilíbrio entre tradição e modernidade. Isso faz com que a modernidade, já não mais moderna e sim reflexiva, esteja próxima aos processos de globalização.

Enquanto a tradição controla o espaço mediante seu controle de tempo, com a globalização o que acontece é outra coisa. A globalização é, essencialmente, a “ação à distância”; a ausência predomina sobre a presença, não na sedimentação do tempo, mas graças à reestruturação do espaço (Giddens, 1997, p. 118).

Nesse momento de incertezas e riscos, os vícios também fazem parte do cotidiano. Não o vício no sentido de doença, mas o vício no sentido de práticas cotidianas como compulsividade. Uma compulsividade em se desprender do passado, porque o passado/tradição carrega uma influencia emocional e sentimental.

sortanto, nesta nova fase da sociedade industrial, caracterizada pela reflexividade e por muitos chamadas de pós-moderna ou pós-industrial, as condutas e práticas cotidianas não são mais moldadas pela tradição ou pelo menos a tradição perde forças e é reconfigurada. A tradição perde influência e não garante mais respeitabilidade e confiança dos indivíduos e instituições. Podemos, no mundo de hoje, escolher quem somos e o local onde estamos, apesar das dificuldades de escolhas e decisões.

O indivíduo, então, passa a ser o responsável por toda sua conduta, passa a ser também cobrado para que tenha um comportamento diferente,

ou seja, adaptado às novas exigências da modernidade reflexiva. Não que o indivíduo perdeu o rumo e ficou sem saber qual caminho tomar. O que tem acontecido, ou que sugere acontecer, é que existem inúmeros caminhos sendo que as possibilidades são diversas. Nesse sentido, é o indivíduo que passa a ser responsabilizado por suas escolhas e decisões e não a estrutura da sociedade que impõe tais condutas. Liberdade individual e democracia abrem espaço para a modernidade reflexiva.

A vida social num mundo de modernização reflexiva certamente é diferente da vida social na tradição e modernidade simples. O que talvez impressiona é que práticas cotidianas da tradição e da modernidade simples não foram esquecidas na modernização reflexiva devido aos processos sentimentais e emocionais, já que o sentimento de perda ou de esquecimento do passado, o sentimento de saudosismo, talvez seja difícil de desprender do ser humano.

Afinal, o ser humano justamente é humano por ter a capacidade de produzir culturas e sentimentos, seja do passado ou do presente. Daí, mesmo sendo reflexiva, a modernidade contemporânea dificilmente se desprenderá totalmente das práticas tradicionais e que permanecem durante a modernidade simples.

Outras esferas da vida também são postas. Por exemplo, a política era entendida como sinônimo de esfera pública. Já na modernidade reflexiva público e privado se misturam. Nessa perspectiva, para Beck, surgem novas possibilidades de ação política ou subpolíticas. Ou seja, a política invade a vida cotidiana e as práticas sociais e não fica mais restrita apenas ao ato político de quem se afasta da sociedade para representá-la. A nova sociedade, ou seja, a modernidade reflexiva, requer também um novo político, ou novos políticos no sentido de que todos os atores possam, de alguma forma, tomar decisões que são privadas e públicas ao mesmo tempo.

Nesse sentido, a reflexividade altera as formas de organização sociais nas comunidades. Para Lash, as comunidades tradicionais seriam diferentes das comunidades modernas. Se a política muda, as comunidades passam a ter novas exigências e, conseqüentemente, também mudam.

Por isso, num mundo com grandes incertezas é preciso sempre escolher um caminho e decidir sobre determinadas práticas, ou seja, escolhas e decisões caracterizam boa parte da modernidade reflexiva. Como devo ser? Como devo agir? Os vícios podem ser vistos como

escolhas. Porém, as próprias escolhas podem tornar-se obrigações. A vida do cidadão pode ser vista então como governada por decisões.

No aspecto da vida íntima e afetiva, também várias transformações tem ocorrido. Muitas relações tidas como tradicionais, como o casamento e a formação de famílias, ganham novos significados e rearranjos na contemporaneidade. Para Giddens, a realidade atual, os novos acordos e contratos, indicam uma dissociação entre o que era (tradição) e o que é (pós-tradicional). Tais fatos contribuem para caracterizar a modernidade por ele defendida como reflexiva.

Num mundo onde a tradição perdeu sua influência e não mais garante a respeitabilidade ou a confiabilidade dos indivíduos ou das instituições, cada qual pode optar livremente por uma entre várias maneiras de levar a vida. Justamente porque a tradição e os costumes não mais garantem quem somos nós, a autopercepção – o reconhecimento da própria identidade através das relações pessoais e sociais – é condição básica da vida moderna. Tal condição promove a autonomia pessoal em relação às expectativas socialmente estabelecidas e abre o mundo à exploração e à experimentação pessoal: podemos, cada vez mais, escolher quem somos e onde estamos (Giddens e Pierson, 2000, pp. 24-25).

Assim, viver na modernidade reflexiva é ser capaz de se adaptar a diferentes formas de práticas sociais. É ser capaz de entender transformações e, ao mesmo tempo, capaz também de preservar tradições. Viver, seja com vícios, escolhas e decisões, tem sido o mais difícil da modernização reflexiva, ou seja, o mais difícil não é conceituar tradição, modernidade simples ou modernização reflexiva, o mais difícil, o que nos deixa cada vez mais incapazes ou inseguros, é compreender o “sentido”, não apenas da modernidade, mas o sentido das práticas individuais e sociais.

Existe, então, direção? Existe modelo? Se a contemporaneidade se caracteriza por não existir uma direção e por não apresentar um modelo de comportamento, então como ficam os comportamentos? Inúmeras direções, inúmeros modelos e, assim, inúmeras possibilidades podem, ao invés de “modernizar”, até mesmo prejudicar comportamentos, ou seja, o sentimento de retorno ao passado e as tradições podem, a qualquer momento, reaparecer. Seria, então, o fim da modernidade reflexiva? Ou a própria modernização reflexiva já não é um processo de inauguração do retorno a tradição?

Considerações finais

Vimos que Beck, Giddens e Lash ora se aproximam e ora se distanciam ao discutir a modernização reflexiva. A crise da modernidade representa a discussão fundamental entre esses autores. A modernidade entra em crise justamente porque seu projeto de sociedade industrial não garante desenvolvimento para todos. Também o capitalismo industrial se reconfigura na forma de serviços apresentando alternativas à indústria. A própria ciência, vista como progresso, também entra em crise ao não conseguir dar respostas a todas as questões colocadas pela sociedade.

Nesse contexto, diversos autores tratam da transição da modernidade para a pós-modernidade. Alguns falam em sociedade pós-industrial, outros em pós-modernidade, outros em pós-tradicional ou globalizada. O que se sabe é que a modernidade está em crise e essa crise representa rupturas, continuidades e descontinuidades. Por isso, as incertezas constantes nas práticas cotidianas. A sociedade contemporânea certamente não é a mesma sociedade moderna do século XIX.

O moderno se confunde com tradicional e o pós-tradicional se entrecruza no formato de modernização reflexiva. Por isso, as tradições podem ser vistas hoje como recursos adaptados, flexíveis, plásticos, globalizados que envolvem um estilo de vida entrecruzado. A tradição, para Giddens, não está solta, perdida. Pelo contrário, a tradição estaria ligada à memória coletiva. Por isso, a tradição não é privada, precisa ser coletiva. E a memória é baseada nas práticas sociais. Para Giddens, a tradição também tem um caráter normativo, ou seja, a tradição representa o que deve ser feito em uma sociedade. Portanto, a tradição se reconfigura na modernidade reflexiva.

A grande questão que se coloca é: como ficam os comportamentos individuais, as práticas cotidianas e sociais nesse momento de transformações? Como viver e se adaptar num período de transição? Como aceitar e recusar certas práticas? Como saber se determinados conceitos ou práticas condizem mais corretamente aos anseios da sociedade? São tantas questões postas pela modernização reflexiva que os indivíduos estão cada vez mais inseguros diante dessas reconfigurações.

Existe um caminho? Talvez a compreensão do mundo atual, a aceitação do inacabado e a recusa às desigualdades sociais e preconceitos possam trazer respostas mais próximas ao desejado.

Se jamais fomos modernos, como sustenta Latour (1994), se ainda vivemos de tradição, se ainda acreditamos na racionalidade científica, se crescem os empregos nas indústrias e chamamos a sociedade atual de pós-industrial ou pós-tradicional ou pós-moderna, se estamos na democracia que está em crise, não é por isso que as práticas sociais precisam necessariamente não ter fundamento e rumo. É justamente esse novo cenário que faz com que as práticas dos indivíduos possam ser (re)pensadas e (re) adaptadas ao mundo atual. Viver nesta sociedade contemporânea não significa necessariamente viver na incerteza. As incertezas ajudam a criar caminhos e possibilidades. Nesse contexto, é importante rever o lugar da utopia, com seus significados convergentes e divergentes.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, P. (1999). *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- BECK, U.; GIDDENS, A. e LASH, S. (1997). *Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo, Unesp.
- BUBER, M. (2005). *O socialismo utópico*. São Paulo, Perspectiva.
- GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo, Unesp.
- GIDDENS e PIERSON (2000). *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro, FGV.
- LATOUR, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- ROUANET, S. P. (1993). *Mal-estar na modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SANTOS, B. de S. (2000). *A crítica da razão indolente*. São Paulo, Cortez.
- SZACKI, J. (1972). *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.